

O CENTENÁRIO de Simões Dias

Palestra da autoria do dr. Mário
Matias, proferida na Emissora
Nacional em 5 de Fevereiro

Faz hoje 100 anos que numa pequena aldeia da Beira, rodeada de montes e de arvoredos, cortada por duas ribeiras de águas límpidas e cantantes, cuja existência e significativo nome — Benfeita — vem dos distantes tempos da fundação da nossa Pátria, nasceu o poeta José Simões Dias.

Criança ainda, vivendo no formoso quadro rústico da aldeia natal, os seus versos cedo começaram a inebriar quem os ouvia, tão simples, tão humanos e espontâneos lhe saíam.

*Eu canto como canta o passarinho
poisado á tarde no rochedo alpestre*

exclamava o poeta, e com justificada razão o faria.

Aos 19 anos, a Imprensa da Universidade de Coimbra publicava o seu primeiro livro de versos: — «Relicário» ou «O Mundo Interior», e a crítica recebeu-o e saudou-o com enternecimento.

Os jornais académicos — Simões Dias frequentava então com repetidas distinções a Faculdade de Teologia, depois de ter concluído o curso do Seminário — disputavam os seus escritos. Formado, a Igreja chamava-o a si com interesse, e a Universidade convidou-o para lente... mas o Poeta ficou simplesmente poeta, tudo sacrificando à musa inspiradora dos seus versos, ao Amôr.

E, sucessivamente, foram aparecendo os seus livros: — «Sol à Sombra», a segunda edição, melhorada, de «O Mundo Interior», «A Hóstia de Ouro», «As Peninsulares», «Ruínas», etc.

Castilho — patriarca das letras — saíndava-o publicamente com entusiasmo. Mendes Leal ofereceu-lhe o seu retrato como homenagem dum estio que declinava com o nome de Mendes Leal, a uma primavera que se enforava com o nome de Simões Dias. Tomaz Ribeiro, António Cândido, D. Maria Amália Vaz de Carvalho, Gomes Leal, Cândido de Figueiredo e tantos outros, consideravam os seus livros tesouros preciosos. Camilo, confessando gostar de pouquíssimos poetas, escrevia no *Cancioneiro Alegre* que as «Peninsulares» tinham entrado no pequeno raio da estante que o genial romancista reservava aos bons.

Mas, Simões Dias não foi somente um grande poeta, cujos versos — disse-o Oliveira Martins — eram lidos com avidez, enaltecidos por escritores de primeira plana, tanto portugueses como espanhóis, e consagrados pelo povo, esse crítico anónimo a quem jámais passaram despercebidos os poetas de merecimento e que repetia em toadas populares e caracteristicamente nacionais muitos desses versos, como sucedia com «O Teu Lenço», «O Moribundo», etc.; Simões Dias destacou-se também no romance, na política, no jornalismo e no professorado.

Como romancista, escreveu «As Mães», «O Pecado», «Corôa d'Amores», «Figuras de Cêra», etc.

Como político, ocupou durante dez anos um lugar no Parlamento, estando publicados alguns dos seus discursos e sendo da sua responsabilidade o projecto de lei que considerou de festa nacional o dia em que passava o tricentenário de Camões, e tornou possível essa comemoração, erguendo-a acima dos mesquinhos intuitos e interesses partidários que à sua volta se debatiam, comprometendo a sua realização e justificado esplendor.

Jornalista durante mais de 40 anos, desde os 18, em que fundou, em Coimbra, com Teófilo Braga e Duarte Vasconcelos, o jornal «A Crisálida», até que a morte o surpreendeu em 1899, colaborador permanente da «Educação Nacional», escreveu muitas centenas de artigos, fundou e dirigiu pessoalmente os periódicos viésenses «O Observador» e o «Distrito de Viseu», e teve lugar proeminente na imprensa de Lisboa, como director dos diários «Correio da Noite», «O Tempo» e «O Globo».

Professor, inicialmente em Elvas, em seguida no liceu de Viseu e por fim no Liceu Central de Lisboa, Simões Dias dedicou-se com inexcusa-

vel carinho ao ensino, regendo proficientemente as várias disciplinas que lhe confiaram e publicando, como precioso auxiliar para estudantes e mestres, muitos livros didáticos, alguns dos quais, como as «Lições de Literatura Portuguesa», alcançaram 13 edições, cinco depois da sua morte, e a «Teoria da Composição Literária», que atingiu 16, a última das quais em 1927, quasi 30 anos depois do desaparecimento do seu autor.

O concelho de Arganil, em que tão ilustre homem de letras nasceu, consagrou-lhe sempre saúdosa memória, tendo dado o seu nome às praças mais importantes da vila e da pequena e formosa Benfeita. Viseu, grata pelo convívio e benefícios que do poeta recebeu, homenageou-o também, ainda em vida, pondo a uma das melhores ruas da cidade o nome de «Dr. Simões Dias».

Hoje, em sessão comemorativa do seu centenário, realizada nos Paços do Concelho de Arganil, sob a presidência do sr. Governador Civil do distrito de Coimbra, a sua obra foi justamente elogiada por vários oradores e inaugurado um seu retrato a óleo, e, na Benfeita, as crianças das escolas, depois de ouvirem a sua professora, vão em romagem tapetar de flores a casa onde o Poeta nasceu.

Em Lisboa, no Liceu de Passos Manuel, que não olvidou também aquele que foi um dos seus mestres mais queridos, deu o professor dr. Edmundo Curvelo, às 15 horas, uma lição especial, na presença do corpo docente e de todos os alunos, sobre a personalidade literária do dr. José Simões Dias.

Assim se recordou hoje o nome do mavioso poeta das «Peninsulares» e egrégio e devotado professor, que há 100 anos nasceu numa pequena aldeia da Beira, rodeada de montes e de arvoredos...

Entretanto, porém, e como Alberto Pimentel profetizou, ao escrever que os versos de Simões Dias, trazendo em eternas cristalizações a nossa alma, no amor e na descrença, na esperança ou na melancolia, haviam de resistir a todas as correntes da moda e a todos os figurinos literários, por serem a expressão sincera e fácil do subjectivismo português, e como Oliveira Martins havia já salientado, o povo, o bom e alegre povo das aldeias continua a cantar os seus versos, repetindo-os por toda a parte em toadilhas populares, ignorando quasi sempre a sua origem, considerando-os muitas vezes como sendo da sua própria autoria...

Que importa, porém, que os músicos cegos, que percorrem as aldeias montanhesas, pedindo esmola e cantando:

*Da vida vae findar o meu degrêdo
E não mais te verei, sonhado emor!
Nunca mais, nunca mais, teu rosto ledo
Virá lembrar-me a primavera em flor!*

ignorem que foi Simões Dias quem escreveu esses versos?!

Que interessa que ignorem também este nome as raparigas e os rapazes, que garganteiam nos dias de festa, ou em noites de luar, as lindas quadras:

*O lenço que tu me deste
Trago-o sempre no meu seio,
Com medo que desconfiem
D'onde este lenço me veio.*

*As letras que lá bordaste
São feitas do teu cabelo,
Por mais que o veja e reveja,
Nunca me farto de vê-lo.*

Pois não estará precisamente nessa ignorância o maior elogio ao poeta, a sua maior e mais alta consagração?!